

O combate defensivo e a experiência do campo de batalha.

Os alemães na defensiva (*)

As forças alemãs cercadas, defendem-se por processos táticos comuns. Todavia, a falta de reservas, de remuniamento e o perigo de ataque por tôdas as direções, bem como a difícil situação moral em tais casos, forçam o comando a introduzir consideráveis inovações na organização da defesa.

Sabe-se que em circunstâncias normais os alemães fazem seus principais esforços para a criação de centros de defesa nas localidades povoadas. As casas, especialmente os edifícios de alvenaria de pedra, são bem fortificados para constituir núcleos de fogo. Os porões servem de abrigo. Nas ruas fazem barricadas. Todos os centros de defesa são enfeixados num sistema de fogos e de mútuo apoio.

Sob a condição de ter ligação pelos flancos e quando a atividade da retaguarda é normal, êste método de defesa era considerado pelo inimigo o mais favorável. No entanto, não é o mais satisfatório no caso de isolamento. Os nossos (russos) tinham mais oportunidades para desbordar e cercar os centros de resistência; localizar os pontos fracos do sistema defensivo e com maior facilidade dar golpes seguros. Grandes perdas foram inflingidas por pequenos grupos de nossa infantaria que penetravam a fundo, até as retaguardas do inimigo.

A êsse respeito a informação dada pelo Cmt. do 145.º R. I. alemão é elucidativa. Aquí estão os ensinamentos que assinalam depois de um ataque noturno da inf. soviética:

"Hora do ataque — 3.40.

Fôrça atacante — 30 a 40 homens.

Uniforme — roupas camufladas.

Equipamento — fuzis ordinários, fuzis automáticos, cintas de granadas, garrafas incendiárias.

(*) — "Kranaya Isvezda" de 4-IV-942, transcrito pela "Military Review", de janeiro de 1943.

Circunstâncias — ataque executado simultaneamente por todos os lados. Granadas de mão jogadas pelas janelas das casas. Pátios batidos pelo fogo. Os russos avançam para a aldeia completamente dissimulados. Chegam tão perto que o intervalo de tempo entre o sinal de alarma e a ocupação dos postos de combate foi quase insuficiente para esboçar a defesa”.

Colhendo as amargas lições destes acontecimentos (houve muitíssimos como este) os alemães recorreram a numerosas providências. Reforçaram os postos de segurança externa e interna. Colocaram anteparos contra as granadas de mão. Fizeram frequentes exercícios de alarma. Todavia tudo isto era muito pouco, não obstante a aviação de ataque e barragens de artilharia terem sido mesmo empregadas para barrar o passo à nossa infantaria. *O inimigo era incapaz de contê-la efetivamente.* A despeito da defesa ser circular, era-lhes difícil criar um sólido sistema de fogos de artilharia e de morteiros em todos os lados. Isto era especialmente devido a nossos artilheiros, que habilmente escolhiam aproximações convenientes, rolavam seus canhões até posições abertas e atiravam diretamente sobre as posições de canhões inimigos, para demolí-las.

Isto feito, o ataque simultaneamente desencadeado sobre as saídas, para a retaguarda; os raids aéreos, e o mortífero fogo de artilharia, forçavam o comando germânico a *mudar de tática.* Eis o que capturamos em documentos de um quartel general:

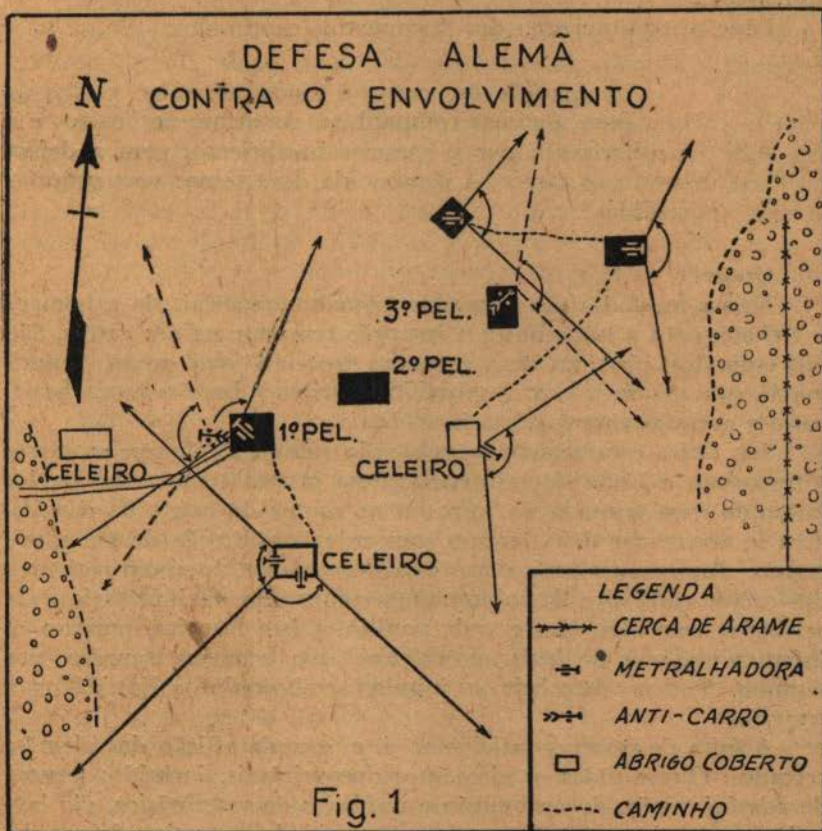
“A frente da linha de resistência *não deve ser defendida* de acôrdo com o princípio da instalação de pontos de resistência nas localidades povoadas, mas preferivelmente em posições no campo, construídas com emprego de todos os meios atuais. Nenhuma posição de fogo deve ser instalada nas casas. As metralhadoras devem ficar em silêncio e somente abrir o fogo quando a infantaria inimiga estiver perto.

A artilharia deve mudar de posição frequentemente”.

Os alemães passaram gradualmente a construir posições sobre elevações que se prestam para a defesa, com um bom campo de vistas e de fogo circular. Nos locais onde devem ser instaladas as posições, os edifícios são destruídos por *agentes especiais.* Do madeirame das casas demolidas dos camponeses, o inimigo faz fortificações de terra e blindagens para abrigos. Tudo é cuidadosamente camuflado e circundado por um grande muro de neve com mais de 2 metros de alto.

Organizando defesas em terreno aberto, as unidades alemãs para combater cercadas, prestam mesmo maior atenção ao campo de fogo externo. Isto se vê claramente da Fig. 1, que dá o plano de fogo de um centro de resistência capturado pelos russos. Além dos campos principais de fogo vistos na figura, os pelotões dispõem de posições suplementares que permitem fazer fogo em qualquer direção. Ficam elas à direita e à esquerda, em toda linha de frente, formando assim uma sólida linha de defesa. Tôdas as posições se protegem reciprocamente. Na sua frente, colocam-se tôdas as espécies de obstáculos e limpa-se uma zona de 400 metros.

Para eliminar o perigo dos ataques súbitos, notadamente à noite, os alemães utilizam toda sorte de recursos ocasionais para sinais luminosos. Em certos casos, isto consiste em *marmitas* de ferro com especial disposição interior; em outros, há petardos especiais (funcio-



nando por atrito) e granadas de mão fixas e ligadas por cordas. Desde que o atacante toca a corda, a granada explode.

Em certos setores, colocam minas cuja explosão produz um luar semelhante à luz de um foguete.

Quando levantam obstáculos adiante da linha de frente, os alemães não instalam sólidos campos de minas. Estas são colocadas onde há aproximações cobertas e onde a reunião para um contra ataque é possível. Um método alemão favorito é minar casas demolidas e pontes destruídas.

Consideramos agora a questão da defesa anti-carros. Após haverem experimentado o poder de choque dos tanques russos, os alemães muito tempo depois reconheceram que sua artilharia só, não podia lutar contra nossas forças blindadas. Além disso, quando cercada, ficava sem remuniamento e obrigada a atirar somente em casos extremos. Isso levava-os a procurar outros meios de resistir aos carros.

Lê-se o seguinte num dos documentos capturados:

“A aparição dos carros é ainda o maior perigo de luta para algumas companhias. As armas anti-carros e a artilharia são por si mesmas insuficientes para a defesa contra os carros. A companhia deve tomar suas próprias medidas”.

Quais?

Nessas unidades são formadas esquadras especiais de 5 homens e 1 chefe, para a luta contra a irrupção tempestuosa dos carros. São tais esquadras providas de 5 granadas especiais, com cargas comprimidas, que pesam 5 k. 5; 4 minas anti-carros; 3 bastões lança fumaças e 3 garrafas com matéria incendiária.

Sua tática é caracterizada pela ação súbita. Desde que os carros ultrapassam a linha de resistência, esses grupos tentam dominá-los lançando uma granada na torre ou no motor do carro. Se não podem se aproximar d'êle, lançam uma mina na direção de seu movimento. (Isto mostra mais uma vez a importância do apoio recíproco dos carros entre si e da ininterrupta cooperação da infantaria e da artilharia com êles. Um grande auxílio, a êste respeito, prestam os infantes armados de fuzis automáticos que seguem trepados nos tanques. Podem descobrir o inimigo emboscado e liquidá-los a tempo).

A falta de reservas suficientes é a grande aflição dos alemães cercados. Quase todos os elementos aproveitáveis, incluídos pessoal de administração, de construção e unidades de veterinários, são lançados no combate. Em lugar de uma unidade operativa de reserva

os alemães experimentam usá-los para apoio, em alguns centros de resistência, cercados.

Quando atacamos uma posição ou centro de resistência, tentam contra-atacar com essas forças de apoio. Se o contra-ataque obtem mais ou menos êxito, as reservas alemãs são trazidas imediatamente para trás. Se há insucesso, engajam-se tomando o combate à sua conta e cobrem o retraimento da infantaria para posições próximas. Fica naturalmente entendido que, se o ataque foi bem organizado, se seu poder não foi dominado, e ao contrário sua força se desenvolve para obter uma decisão, em regra num tal sistema não somente os grupos de contra-ataque alemão são destruídos, mas também as forças que se retraem apressadamente para ocupar outra posição.

Em muitos casos os alemães tentam compensar a escassês de reservas por transferência de pequenas unidades de outros setores não atacados ou onde a pressão é menor.

Adotam um critério variável. As variantes mais comuns aparecem na figura 2. Vê-se que utilizam forças dos setores vizinhos e mesmo de um setor diametralmente oposto quando o perigo é grande.

Se o reforço vem pelo ar, mandam-no primeiro para os setores passivos substituir unidades que já combateram, as quais vêm para os setores em que o combate é ativo. Foram a isso levados por causa de suas *reservas de primeira* (batalhões *ersatz*), formadas com homens fisicamente débeis (dizem os russos) e mal treinados.

Para facilitar a manobra das reservas limpam as velhas estradas e fazem novas conduzindo do centro para a periferia dos setores.

De tudo isto não é difícil concluir ser preciso atacá-los em várias direções. Somente assim ficam privados da facilidade de manobrar. A falta de reservas operativas faz sua situação ainda pior.

Resulta de tudo isso a importância da proteção dos flâncos e da retaguarda das forças atacantes. Exemplo: — nossas unidades romperam as resistências inimigas, dispersaram os grupos de defesa. Desviaram-se à direita e à esquerda da brecha e alargaram-na. O inimigo bate-se numa *defensiva movel* e, tendo se reunido em torno de um núcleo não cercado, contra-ataca na direção das forças cercadas para fechar a brecha, juntar-se a elas e assim cortar nossas forças que prosseguem para diante.

Graças, porém, à profundidade da formação do escalão do ataque, à cuidadosa segurança dos flâncos, o contra-ataque pode ser repellido com pesadas perdas.

A tendência para reunir-se às unidades cercadas compele o inimigo a lançar no combate tôdas suas forças sem olhar perdas.

A experiência da batalha torna evidente o fato de que sob tais condições a *decisão* e a *rapidez* são as maiores garantias do sucesso.

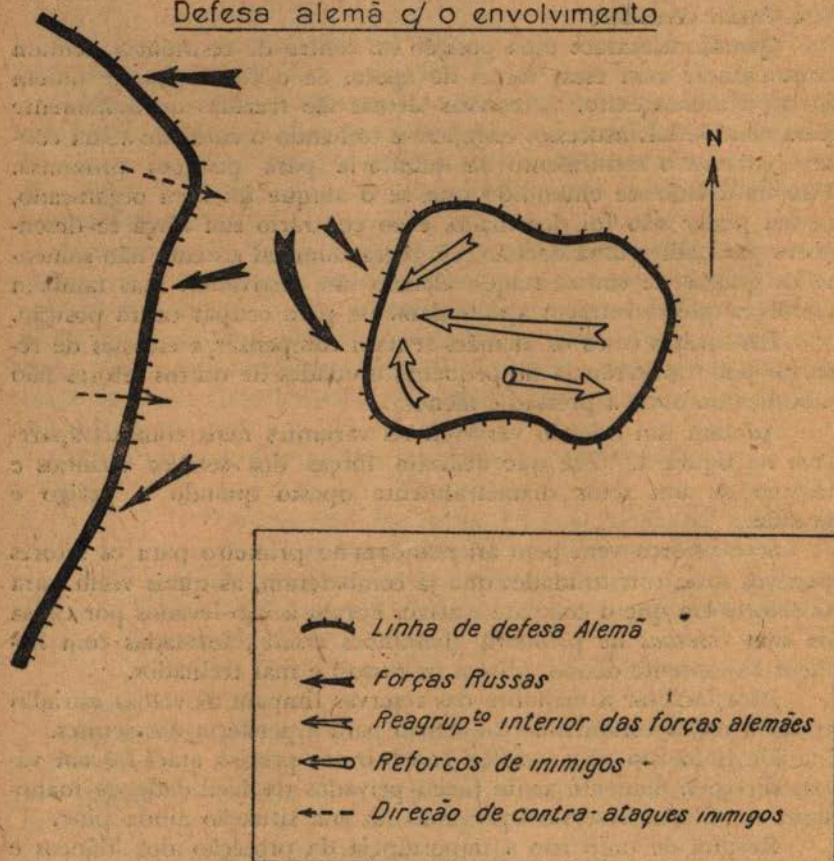
Defesa alemã c/ o envolvimento

Fig.2

Há dois problemas a resolver simultâneamente — a destruição das guarnições cercadas e o conseqüente aproveitamento das dificuldades vencidas. — É necessário determinar o que é mais importante e concentrar a maioria dos esforços conseqüentemente.

É evidente que o problema mais urgente será a destruição das unidades cercadas. Assim, com as mãos livres todos os meios poderão ser lançados numa ofensiva contra as principais forças inimigas.